

# Saberes e poderes no Mundo Antigo

*Estudos ibero-latino-americanos*

Volume I - Dos saberes

Fábio Cerqueira, Ana Teresa Gonçalves,  
Edalaura Medeiros & José Luís Brandão  
(Orgs.)

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS  
FEDERAL UNIVERSITY OF PELOTAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FEDERAL UNIVERSITY OF GOIÁS

## RETOMAR AUGUSTO NOS *FORA IMPERIAIS*: SENADO, URBANISMO E IDEOLOGIA NA ÉPOCA DE SEVERO ALEXANDRE

Rodrigo Furtado  
Universidade de Lisboa - Portugal

Foi a época dos Severos palco de contradições políticas e ideológicas, fruto em grande parte das diferentes tradições que caracterizavam o emaranhado mosaico geográfico em que o Império assentou. O mundo ideológico romano era, naturalmente, produto do pensamento político que tinha enformado muitos séculos antes a República, onde o senado e os senadores tinham sido o principal garante de estabilidade – durante a República, tinham assegurado a discussão e a continuidade das políticas (e naturalmente dos interesses de grupo), perante uma bicefalia consular que mudava necessariamente todos os anos; no principado, asseguravam praticamente todo o pessoal do topo da administração civil e militar, garantindo na prática a unidade, a estabilidade e a segurança do império<sup>1</sup>. Contudo, com esta ideologia tradicional de base senatorial, contrastava o mundo político que Alexandre integrara nas suas conquistas, ao assumir os modelos pré-clássicos como matriz do seu próprio projecto de poder, sendo neste caso fielmente seguido pelos diádocos e seus sucessores. Tratava-se de uma ideologia que concentrava o poder no monarca, que amiúde surgia como filho ou dilecto de alguma(s) divindade(s). Conhecido, assumido ou rejeitado em Roma, este pensamento mais declaradamente monárquico dificilmente poderia deixar de ser entendido, mesmo já durante o principado, e pelo menos até ao século III, como alheio à tradição política da Urbe (MICHEL, 1967; KIENAST, 1969)<sup>2</sup>. E, no entanto, também não foi, antes pelo contrário, completamente rejeitado.

De facto, talvez um dos maiores legados do principado de Augusto tenha residido na forma como o primeiro *princeps* conseguiu erguer um regime de base monárquica, sem abdicar de um regimento republicano<sup>3</sup>. Teoricamente nunca se deixou de viver na República que Augusto garantira ter restaurado, mesmo se se tinha tornado evidente que o sistema político então inaugurado era afinal bem diferente do que caracterizara o tempo dos Cipiões (cf. *e.g.* Tac. *Ann.* 1.4). E, de facto, a época de Augusto, bem como depois a dos primeiros Antoninos, acabou por cristalizar em Roma uma ideologia de funcionamento político em que, sem que fosse posta em causa a sua existência, o príncipe se comportaria como se a República antiga se mantivesse, cultivando a *grauitas* republicana e rejeitando os paradigmas monárquicos de matriz helenística, permitindo aos senadores a colaboração activa no governo e assumindo-se na Cúria como um *primus inter*

## *Retomar Augusto nos fora imperiais*

*pares*<sup>4</sup>. É certo que nem sempre isso tinha ocorrido: para Calígula ou Nero, Domiciano, Cómodo ou Caracala, era evidente que a matriz de poder assumida não tinha sido a augustana; para estes imperadores fora antes, e ainda, o modelo orientalizante de poder que de forma evidente se procurara transplantar para a Urbe. E foi esse modelo que, uma vez mais, foi rejeitado em plena Roma, com o assassinio de Heliogábalo.

Quando em 222 o jovem Severo Alexandre se viu catapultado para a liderança de um enorme império, não era, seguramente, um homem demasiado experiente<sup>5</sup>. Tinha apenas 13 anos, e a *Historia Augusta* assegura que a mãe confiara a sua educação a homens de ‘romanidade’ insuspeita (*Hist.Aug. Alex.* 3). Que Severo Alexandre tivesse desde cedo começado a distanciar-se de seu primo (e pai adoptivo), Heliogábalo, que ele se tivesse começado a mostrar já mais modesto e menos exuberante é algo que é verosímil. A noite de 10 para 11 de Março de 222 mudou a vida do jovem. Heliogábalo foi assassinado (Herod. 5.8.6-8. Dio Cass 80.20.1-2. *Hist.Aug. Elag.* 16.5-17.1).

Desta vez, o senado não parece ter perdido a oportunidade: parece ter procurado apropriar-se do jovem príncipe, mais apagado que o seu antecessor, apresentado como modesto e, porventura, mais maleável às opiniões da Cúria<sup>6</sup>. O senado continuava, naturalmente, a assumir-se como centro da vida política. E contudo, muito havia mudado desde os tempos da República. Era facto que todo e qualquer príncipe continuava a ter de ser ratificado pelos *patres* (tal como Severo Alexandre estava prestes a ser): não havia imperador sem a aquiescência, nem que fosse esta puramente formal ou a contra gosto, por parte dos senadores; sempre fora assim, assim continuara a ser, até mesmo com imperadores tão ‘estranhos’ como Heliogábalo (Herod. 5.5.2. Dio Cass 79.2. *Hist.Aug. Elag.* 3.3), com príncipes que não haveriam de pisar solo itálico, como o efémero Macrino (Dio Cass 78.18. *Hist.Aug. Macr.* 2.3.4), ou como o próprio ‘fundador’ da dinastia, Septímio Severo, para quem tomar o poder significou antes de mais marchar até Roma e forçar os *patres* a depor o príncipe que tinham acabado de ‘escolher’ (Dio Cass 74.1.3-5. *Hist.Aug. Seu.* 7.1-6). Nunca nenhum dos Severos pensou em ver-se livre do senado; um ou outro senador poderia ser incómodo e poderia ser eliminado, mas os Severos não foram propriamente revolucionários anti-senatoriais<sup>7</sup>. Apesar das longas ausências de Septímio Severo e de Caracala, o que inevitavelmente fazia deslocar o eixo do poder para onde quer que o príncipe se encontrasse (de resto, alguns dos ‘melhores’ Antoninos também não tinham parado muito por Roma), o senado mantinha-se na Urbe como o principal referente de estabilidade e, sobretudo, como o principal corpo de recrutamento e reprodução de pessoal experimentado em matérias administrativas e militares. É certo que o senado severiano não era o mesmo da República: a composição era muito mais diversa e cruzavam-se agora à entrada da Cúria indivíduos provenientes de todos os pontos do império, descendentes de famílias

tradicionais em Roma (cada vez menos) com jovens senadores cujos pais se tinham notabilizado em cargos procuratorais (cada vez mais)<sup>8</sup>. O próprio Septímio Severo, ainda um jovem africano mal chegado à Urbe, disputara um lugar entre os senadores e subira os degraus do *cursus honorum*, desde o vigintivirato e o tribunado militar até ao consulado, como dezenas de outros indivíduos na época, itálicos e provinciais<sup>9</sup>. Mas estes últimos não eram personalidades extravagantes ou estranhas a um ambiente romanizado: ser-se senador implicava como é obvio ser-se cidadão romano, grande proprietário, possuir um bom nível de educação à maneira greco-romana (sobretudo em oratória) e por certo provir de regiões urbanizadas<sup>10</sup>.

E, no entanto, o senado que agora se procurava apropriar de Severo Alexandre era uma assembleia ferida no seu orgulho: logo em 193, desconsiderado e assustado pelo hercúleo Cómodo, obrigado a tergiversar entre imperadores nos meses após o assassinio deste, acabara por ser constrangido a acolher e ratificar um príncipe que não escolhera e que se atrevera, pela primeira vez desde 68, a fazer rumar os seus exércitos contra a Urbe; e, a um primeiro tempo, Septímio não fizera muito para o poupar: forçou a divinização de Cómodo, instalou uma legião na terra de Itália, pespegou depois o seu arco de triunfo mesmo em frente à porta da Cúria, eclipsando-a (ainda hoje) à vista do transeunte. Além disso, tornou-se evidente a importância da *domus Augusta*, que encontrava raízes naturalmente ainda na época dos Antoninos (e sobretudo de M. Aurélio) mas que encontrou o seu máximo esplendor no propagandear da família imperial aos olhos de todos os habitantes do Império como autêntica *domus diuina*<sup>11</sup>. Com frequência o imperador passara a ser referido como *dominus* e no *Septizodium* do palácio do Palatino, na fachada voltada para a via Ápia, o Sol fora identificado com o próprio Imperador (Amm.Marc. 15.7.3. Hist.Aug. *Seu.* 19.5, 23.3. Hier. *Chr.* a. Abr. 2216 Helm, Cassiod. *Chr.* a. Abr. 201)<sup>12</sup>. Era evidente ainda que grande parte do poder de Septímio assentava mais nas poderosas legiões do que no franco apoio senatorial: afinal não foi aos *patres* que a nova dinastia ficou a dever o seu poder; e dos três contendores da guerra civil, Septímio fora o que granjeava menores simpatias na Cúria (Herod. 3.8.6, Dio Cass 75.8.1-3). Não estranha, por isso, o conselho que ele terá dado a Caracala no seu leito de morte: ‘enriquece os soldados e despreza tudo o mais’ (Dio Cass 76.15.2).

Após a eliminação de Geta, Caracala parece ter compreendido o aviso: é aos pretorianos e à legião em Albano que se dirige à procura de apoios, e só depois ao senado (Dio Cass 77.3.2). Cássio Díon, manifestamente hostil a este príncipe, é explícito ao mostrar que o senado em Roma teria sido ‘mutilado’, com a perseguição de vários dos *patres* (Dio Cass 77.6.1) e com a preferência demonstrada pelo novo príncipe pelos seus soldados ou por indivíduos de baixo nascimento (Dio Cass 77.17.2-4, 77.21.2, Herod. 4.4.7).

## Retomar Augusto nos fora imperiais

As subidas ao poder de Macrino e de Heliogábalo comprovam a cada vez menor importância do senado na efectiva escolha do príncipe: Macrino não era senador nem esperou pela, ainda assim, necessária outorga senatorial da titulação e insígnias imperiais para se apresentar como imperador; Heliogábalo foi alçado ao poder nos *castra* de Émesa e também assumiu os títulos imperiais sem pedir autorização ao senado, que apenas se limitou a ratificar um *fait accompli*.

Porque a dinastia dos Severos mantivera uma relação ambígua com o senado e porque desde pelo menos Cómodo era óbvio que o imperador estava longe de se entender a si próprio como um *primus inter pares*, o assassinio de Heliogábalo deve ter parecido aos homens da Cúria uma oportunidade única para restaurar o antigo estado das coisas, como a possibilidade de mais um regresso ao passado, como os que pelo menos Augusto, Vespasiano ou Nerva, mais de cem anos antes, tinham também anunciado. Apropriar-se do maleável Severo Alexandre deve ter permitido sonhar com essa possibilidade. Assim, a *Historia Augusta* mostra o senado empenhadíssimo em conceder à pressa todos os títulos e insígnias imperiais a Severo Alexandre, incluindo o nome de 'Antonino', o qual o príncipe, por se julgar indigno, teria acabado por recusar (*Hist.Aug. Alex.* 1.4-2.5. Cf. FURTADO, 2008, p.200). A oferta deste *nomen* ao imperador, que considero verosímil, constituía, por si só, todo um programa que assumia a época dos já longínquos Antoninos como modelo ideológico para o principado que agora se iniciava: mais do que as propostas políticas de matriz orientalizante que haviam caracterizado os antecessores imediatos de Severo Alexandre, à consideração do jovem príncipe seria, pelo contrário, apresentado o entendimento senatorial do principado. E Alexandre (ou, mais propriamente, o seu *entourage* mais próximo) parece ter compreendido a mensagem. Herodiano assegura a partilha de responsabilidades entre Severo Alexandre e o senado, através da recuperação do *concilium principis*, composto por dezasseis senadores, escolhidos directamente pela cúria (Herod. 6.1.2., 4)<sup>13</sup>. Cássio Díon não deixa de ser favorável ao novo imperador e não vejo que os pruridos de B. Campbell (2005) em aceitar este ascendente do senado sobre o imperador sejam produtivos: que praticamente todas as nossas fontes sejam favoráveis a Severo Alexandre (BERTRAND-DAGENBACH, 1990. FURTADO, 2008, p.194-196) não se explica apenas por contraste com o que veio antes ou com o que veio depois, especialmente quando o governo deste príncipe esteve bem longe de ser um mar de rosas. Efectivamente, a elite culta do mundo latino, mesmo no início do século III, parece identificar-se em grande parte com a elite senatorial ou suficientemente romanizada para se rever, como regra geral, com aquela ideologia imperial augustana de matriz republicana (SIDEBOTTOM, 2007).

Já noutros locais parti desta reflexão para mostrar de que modo as intervenções de Severo Alexandre no próprio urbanismo da cidade de Roma obedeceram a esta ‘senatorialização’ da imagem do príncipe (FURTADO, 2010, p.135-145; 2008, p.193-215). É claro que Severo Alexandre tinha um grande problema: não tinha sido propriamente ‘independente’ em relação ao principado de seu primo Heliogábalo. Também ele tinha sido sacerdote de Elagábalo (Herod. 5.3.2-5)<sup>14</sup>, fora adoptado por Heliogábalo, e recebera a 26 de Junho de 221, com doze anos, o título de César<sup>15</sup>. A partir de então, começara a surgir em epígrafes, com o título de *Imperator*<sup>16</sup> e como *consors imperii*, sempre em relação estreita com Heliogábalo<sup>17</sup>. Quando Severo Alexandre subiu ao poder, o apoio do senado teve de significar, necessariamente, uma reconsideração da imagem do príncipe. Não mais poderia Severo Alexandre ver-se ligado ao antecessor: não é, certamente, por acaso que as fontes literárias estão muito preocupadas em mostrar a diferença de temperamento e de comportamento entre os dois príncipes (Herod. 6.1.5-6. *Hist.Aug. Alex.* 4.3, 15.1-2, 34.1-4, 34.6-8, 45.4-5). Ora, foi também no urbanismo da própria cidade de Roma que Severo Alexandre procurou redesenhar uma nova imagem para si próprio, em muitos aspectos radicalmente diferente da que caracterizara os seus mais imediatos familiares e antecessores, a qual, antes de mais nada, procurava assegurar a plena conformidade do novo príncipe com os valores tradicionais da Urbe e com os modelos políticos de Augusto ou dos primeiros Antoninos, que haviam moldado o principado.

São pelo menos dezoito as intervenções urbanas referidas pela *Historia Augusta* para o principado de Severo Alexandre<sup>18</sup>:

- a) *Hist.Aug. Alex.* 22.4: construção de *opera mechanica*;
- b) *Hist.Aug. Alex.* 24.3: restauro do teatro [de Marcelo] (ANGIOLILLO, 1973, p.349-356)<sup>19</sup>;
- c) *Hist.Aug. Alex.* 24.3: restauro do circo [máximo];
- d) *Hist.Aug. Alex.* 24.3: restauro do anfiteatro [flávio];
- e) *Hist.Aug. Alex.* 24.3: restauro do estádio [de Domiciano];
- f) *Hist.Aug. Alex.* 25.3: remodelação das termas de Nero, chamadas a partir de então *alexandrianae*;
- g) *Hist.Aug. Alex.* 25.4: construção de um aqueduto (*aqua alexandriana*);
- h) *Hist.Aug. Alex.* 25.4: construção de um pórtico nas termas de Caracala;
- i) *Hist.Aug. Alex.* 25.7: pavimentação no Palatino com dois tipos de mármore (*opus Alexandrinum*);
- j) *Hist.Aug. Alex.* 26.4: colocação de estátuas no foro de Trajano;
- k) *Hist.Aug. Alex.* 26.7: início da construção da basílica alexandrina;
- l) *Hist.Aug. Alex.* 26.8: ornamentação de um Iseo e Serápio;
- m) *Hist.Aug. Alex.* 26.9: construção dos aposentos de Júlia Mameia;

### Retomar Augusto nos fora imperiais

- n) *Hist. Aug. Alex.* 26.11: restauro e construção de pontes;
- o) *Hist. Aug. Alex.* 28.6: colocação de estátuas colossais de imperadores no foro de Nerva;
- p) *Hist. Aug. Alex.* 39.3: construção de armazéns públicos em todas as regiões de Roma;
- q) *Hist. Aug. Alex.* 39.3-4: construção de termas nas regiões de Roma que ainda não as tinham;
- r) *Hist. Aug. Alex.* 39.5: construção de casas (*domi*) para privados considerados merecedores.

A estas, devem ainda acrescentar-se:

- s) construção/dedicação de um templo de Júpiter Resgatador nos *Castra Peregrina* (CIL 6.428);
- t) construção/dedicação de um templo de *Dea Syria* na margem direita do Tibre (*Chronogr. 354 MGH auct. ant.* 1.147);
- u) construção/dedicação de um templo de Júpiter Vingador (*RIC* 4.2.146<sup>20</sup>);
- v) restauro do templo de Vesta (CIL 6.30960);
- w) reconstrução de altares *compitales*, dedicados aos *Lares* (CIL 6.30960-30961, 8627?);
- x) início da construção do Sessório (LUGLI, 1934, p.64);
- y) restauro do *Vmbelicus mundi* (COARELLI, 1987, p.443);
- z) construções na *domus Laterani* (CIL 15.7336).

Naturalmente, a *Historia Augusta* deve ser tomada com precaução, por ser fonte tardia, eivada de óbvios anacronismos. De qualquer modo, não creio que devam ser globalmente ou necessariamente duvidáveis as informações sobre os projectos urbanísticos de Severo Alexandre. No Palatino, por exemplo, a principal medida deve mesmo ter sido a renomeação do templo de Elagábalo e a devolução a Émesa da pedra cónica do deus, numa ânsia evidente de mostrar o corte com a herança política, ideológica e religiosa do seu antecessor. Por sua vez, o restauro e a renomeação das monumentais termas de Nero, os projectos para a construção de uma basílica ou a ornamentação do *Iseum* e do *Serapeum*, no Campo de Marte, mostram bem a vontade do príncipe em intervir num dos locais de Roma com maior significado ideológico para as épocas augustana e antonina.

Ora, pelo menos tão relevante como qualquer uma destas duas regiões era a vale fronteiro ao Palatino e ao Capitólio onde se situava o *forum romanum*. De facto, dificilmente se encontraria área de maior valor político e ideológico na Cidade<sup>21</sup>. Por aí tinham passado os grandes homens da República e do Império e na sóbria Cúria Júlia sentara-se Augusto e discutiram-se muitas das iniciativas políticas e militares do Império. Já em finais da República, o *forum* devia ser apertado para desempenhar todas as suas funções de centro monumental e

administrativo. Por isso, os vários políticos devem ter querido posicionar-se em relação a este local: César foi o primeiro, ao adquirir o terreno entre o Argiletto e o *Atrium Libertatis* pela colossal quantia de 60 milhões de sestércios; o objectivo: ampliar o antigo centro político de Roma, com a construção de uma pequena praça alongada (124x45m) que ficou conhecida com o seu nome (Cic. *Att.* 4.16.9. Plin. *HN* 36.103. Suet. *Caes.* 26. App. *BC* 2.102)<sup>22</sup>. Mas a Octaviano não bastou inaugurar este *forum* do pai adoptivo em 29 a.C.; com origem num já antigo voto feito na sequência de Filipos, Augusto inaugurará também um segundo *forum*, na prática encaixado no de César, em 2 a.C. (Aug. *RG* 6.34. Vell. 2.100. Suet. *Aug.* 29.1. Dio Cass 54.10, 59.5.3. Cassiod. *Chr.* a. Abr. 1971)<sup>23</sup>.

Voltado para o *forum* de Augusto, foi mais tarde construído o templo da Paz, entre 71-75 d.C., por Vespasiano, para comemorar a vitória da guerra da Judeia (J. *BJ* 7.5.7. Suet. *Vesp.* 9. Dio Cass 64.15.1, Aur. *Vict. Caes.* 9.7, *ep. Caes.* 9.8)<sup>24</sup>. Em bom rigor, a enorme esplanada deste templo funcionava como um novo *forum* quadrado (108x108m), por trás da basílica Emília, permitindo harmonizar toda a região nordeste do antigo centro da Urbe, num complexo bastante mais amplo e moderno de novos *fora* que perpetuava o nome dos seus promotores no centro cívico de Roma. A oriente, imediatamente antes da entrada do *forum romanum*, foram instalados os *Horrea Piperataria*, um complexo comercial, provavelmente da época de Domiciano (Dio Cass 71.24), que também mandará erguer nas proximidades, já no *clivus Sacer*, o chamado arco de Tito<sup>25</sup>. No lado oposto do *forum*, por trás do enorme templo de Saturno, e encostado à ravina do Capitólio e ao pórtico dos *di consentes*, também Domiciano erguerá um templo dedicado aos dois antecessores<sup>26</sup>, e uma estátua equestre própria, desta feita bem no centro desta praça (Stat. *Silu.* 1.1) – prontamente retirada depois do seu assassinio<sup>27</sup>. Por fim, Domiciano procurará ainda acotovelar um *forum* mais pequeno para ocupar o espaço ainda deixado livre entre os *fora* de Augusto e da Paz, até então atravessado pelo Argiletto, a via que ligava o *forum romanum* ao Esquilino. A rua desapareceu e em seu lugar surgiu uma estreita praça de 117x39m, que, na prática permitia a comunicação entre todos os novos *fora* e o antigo (daí o nome popular de *forum Transitorium* – Hist. *Aug. Alex.* 28.6, 36.2. Eutr. *Brev.* 7.23.5-6. Hier. *Chr.* a. Abr. 2105 Helm. *Prosp. Chr.* a. Abr. 94, Cassiod. *Chr.* a. Abr. 93; *Cur. et Not.*: 103, 169 VZ I; cf. *fora iuncta quater* – Mart. 1.2.7-8), pensada sob o modelo dos *fora* de César e de Augusto e dominada por um templo dedicado a Minerva, exactamente paralelo do templo de Marte no *forum* de Augusto. Domiciano não chegou a inaugurá-la. Coube a Nerva fazê-lo e dar-lhe nome oficial (Suet. *Dom.* 5.1; *CIL* 6.953; *Cur. et Not.*: 114, 174 VZ I)<sup>28</sup>.

O mais extraordinário, no entanto, ainda estava para vir. “A área entre o Vélia, a *Subura*, o Quirinal e o vale do *forum* já estava completamente ocupada: única solução, abrir uma passagem para o Campo de Marte, cortando a colina que unia o Capitólio e o Quirinal” (COARELLI, 2008, p.122). Foi o que fez Trajano entre

## Retomar Augusto nos fora imperiais

107 e 113<sup>29</sup>: ao mesmo tempo que restaurou e reinaugurou o *forum* de César, mandou destruir a muralha serviana que unia estas duas últimas colinas e construir o *forum* mais monumental que Roma havia de conhecer (300x185m), inaugurado em Janeiro de 112 (CIL 6.1724. Amm.Marc. 16.10.15. Hist.Aug. Aur. 22.8. Sidon. Carm. 2.544, 1749). Quando Constâncio II (*imp.* 337-361) visitou Roma pela primeira vez na sua vida, em 357, o local que mais o impressionou foi precisamente o *forum* de Trajano<sup>30</sup>, com a gigantesca basílica Úlpia, a estátua equestre de bronze no meio da praça, as monumentais colunatas, as duas bibliotecas, o templo depois dedicado ao próprio imperador e a impressionante coluna de Trajano, em cuja base viriam a ser colocadas as cinzas do príncipe (Dio Cass 69.2.3. Aur.Vict. Caes. 13.11. Eutr. Brev. 8.5.2). Com a construção do templo do divino Trajano, na época do seu sucessor, estava configurada a paisagem dos *fora*, ao mesmo tempo que se selava a encosta do Quirinal com um *forum* majestoso que não podia deixar de fixar a memória do *optimus princeps*<sup>31</sup>.

A partir daqui, pouco mais se podia fazer na região. Mas, podia-se intervir, acrescentar, restaurar, modificar: foi o que fizeram Adriano, com a construção do tão impressionante templo de Vénus e Roma já na encosta do Vélia (dedicado em 135)<sup>32</sup>; Antonino Pio, com o templo dedicado a sua mulher e hoje conhecido como de Antonino e Faustina, a norte da *Regia*, em 141 (Hist.Aug. Pius 6.13)<sup>33</sup>; e sobretudo Septímio Severo com o levantamento do seu monumental arco (203), ofuscando, na prática, os rostros e sobretudo o edifício da Cúria (CIL 6.1033, 31230. Hist.Aug. Seu. 259, 764)<sup>34</sup>; com a erecção no mesmo local do *Vmbilicus Romae*, para emular o *Miliarium aureum* de Augusto<sup>35</sup>; de uma estátua equestre em local incerto no *forum romanum* (Herod. 2.9.6)<sup>36</sup>; e com a exposição da famosa *Forma Urbis*, um mapa da Cidade, em mármore, talvez inspirado no mapa de Agripa ou num modelo flaviano, e exposto no Templo da Paz (CIL 6.935)<sup>37</sup>. O mesmo Septímio (continuado por Caracala) haverá de restaurar ainda o templo de Vespasiano e Tito e o templo (e a biblioteca) da Paz (LUGLI, 1946, p.273; BENARIO, 1956, p.714) e Júlia Domna o *atrium* e a *aedes Vestae* (LUGLI, 1946, p.202, 209; BENARIO, 1956, p.716). Tanto quanto pude averiguar, não houve outras intervenções nem de Caracala nem de Heliogábalo na região dos *fora*. Como no Campo de Marte, de onde os seus antecessores também tinham andado arredados, de novo caberá a Severo Alexandre regressar ao centro monumental da Urbe.

Uma vez mais é a *Vita Alexandri* a nossa principal fonte para esta intervenção. Segundo ela, e na sequência de resto do que já Marco Aurélio tinha feito (Hist.Aug. Aur. 22.7), o príncipe teria mandado colocar no *forum* de Trajano estátuas de homens famosos (certamente os grandes senadores, políticos e generais, da República), trazidas de outros lugares e ali concentradas (*statuas summorum virorum in foro Traiani conlocavit undique translatas*, Hist.Aug. Alex. 26.4).

Mais tarde, teria mandado erguer estátuas colossais dos imperadores já divinizados, a pé, e nus ou a cavalo, desta feita no *forum* de Nerva. A estas, teria ainda acrescentado colunas de bronze com os títulos e feitos de cada imperador, ordenados por ordem cronológica (*statuas colossas vel pedestres nudas vel equestres divis imperatoribus in foro Divi Nervae, quod Transitorium dicitur, locavit omnibus cum titulis et columnis aereis, quae gestororum ordinem continerent, Hist. Aug. Alex. 28.6*). Não sabemos se estas seriam estátuas de todos os imperadores divinizados (eram dezasseis na época de Severo Alexandre, incluindo o divino Júlio César) ou se houve na altura alguma selecção. Certamente, estariam as estátuas de todos os sete imperadores da dinastia inaugurada por Nerva, que dava nome ao *forum*; é também possível que pudessem ter estado os três Severos (Septímio, Caracala e Geta), seus antecessores mais imediatos, todos eles entretanto divinizados.

Ainda que não tenhamos, é certo, nenhuma atestação arqueológica destas intervenções (não se encontraram as estátuas nem vestígio das colunas ou das placas comemorativas), elas são verosímeis. É bem possível que tenha sido nestes dois *fora* que Severo Alexandre procurou realizar uma das suas principais intervenções de aparato, que se coadunaria bem com o que, pelos mesmos anos, ele andaria a fazer no Palatino e no Campo de Marte. De facto, com estas duas regiões, os *fora* imperiais formavam um imenso arco contínuo de ligação, que estruturava algumas das regiões mais cheias de significado de Roma. Era evidente que, mesmo querendo, Severo Alexandre não podia construir um novo *forum* naquela região, completamente sobrelotada. Mas podia intervir nos existentes. E podem ter sido, como adianta a *Vita Alexandri*, os de Nerva e Trajano os eleitos. Não conhecemos de forma directa os motivos para tal; mas é possível que entre eles estejam motivos ideológicos. Antes de mais, Nerva e Trajano eram os fundadores da dinastia a que, por convenção, chamamos hoje 'Antonina', precisamente aquela a que os Severos consideravam ainda pertencer, desde a adopção *a posteriori* de Septímio pelo defunto M. Aurélio. Mesmo se a *Vita Alexandri* tiver razão quanto à recusa de Severo Alexandre em usar o nome dos Antoninos, é justo reconhecer que não rejeitar esta herança, antes assumi-la, fazia com toda a certeza parte do programa de comportamento político esperado pelos senadores que aclamaram Severo Alexandre; de forma simbolicamente eficaz, ao intervir nos *fora* de Nerva e Trajano, ele assumia-se como o *pius* herdeiro de uma dinastia e sobretudo como exemplo do comportamento que um príncipe, querido pelo senado, deveria ter. Além disso, as estátuas escolhidas para preencher aqueles *fora* não foram por certo decididas ao acaso. Severo Alexandre procurava filiar-se numa tradição: na dos grandes senadores romanos, no *forum* de Trajano, ou dos grandes imperadores acolhidos entre os deuses, no *forum* de Nerva. Simultaneamente, eles funcionariam como *exemplum* e como objecto de

### *Retomar Augusto nos fora imperiais*

emulação para o novo imperador e, ao mesmo tempo, como modelos de comportamento esperado e a concretizar.

Mas a própria *Vita Alexandri* vai mais longe, ao aproximar Severo Alexandre do próprio Augusto, quando admite explicitamente que ao associar *tituli* às estátuas dos príncipes divinizados, Severo Alexandre estaria a imitar o primeiro imperador (*exemplo Augusti, qui summorum virorum statuas in foro suo e marmore conlocavit additis gestis, Hist. Aug. Alex. 28.6*).

De facto, já Augusto, mais de duzentos anos antes, ladeara o seu próprio *forum* com as estátuas dos grandes políticos e generais da República, acrescentando-lhes legendas com a lista dos seus feitos. No *forum* de Augusto, estas estátuas tinham já o mesmo propósito que certamente acompanhou as adições de Severo Alexandre: elas tinham manifestado simbolicamente o apoio dos *maiores* ao primeiro imperador, acompanhando-o e permitindo a Augusto situar-se na longa tradição dos grandes homens da República antiga, apresentando-se aos olhos dos Romanos, como herdeiro de Marte *Vltor* (cujo templo dominava a praça), de Eneias e de Rómulo (representados nas exedras do *forum*) e dos *summi uiri* romanos (que ladeavam o *forum*) (ZANKER, 1968; 1988, p.194-203). Ao mesmo tempo, as estátuas que cercavam grande parte do *forum* orientavam-se na realidade para a estátua monumental de Augusto na sua quadriga triunfal, erguida no centro da praça. O imperador surgia assim como personagem para a qual olhavam e convergiam simbolicamente toda a história de Roma, os seus heróis e os feitos destes. Através destas estátuas era toda uma autêntica encenação que se procurava; no fundo, a representação de uma espécie de homenagem dos *maiores* dos Romanos ao primeiro príncipe.

É por isso que ganha, sem dúvida, pertinência a comparação explícita da *Vita Alexandri* entre Severo Alexandre e Augusto. Esta corresponde de facto a uma interpretação do *scriptor* acerca das modificações introduzidas pelo jovem imperador no *forum* de Nerva. De facto, na área dos *fora* imperiais, Severo Alexandre não construiu qualquer novo *forum*, nem renomeou qualquer um dos existentes. César, Augusto, Nerva e Trajano não eram Nero, cujo nome fora prontamente substituído pelo de Alexandre quando do restauro das termas do Campo de Marte: aqueles quatro príncipes não eram facilmente ‘apagáveis’. Além disso, por razões diferentes, todos eles possuíam para os Severos um capital simbólico não desprezível. Sendo assim, quando decidiu intervir nos *fora* de Nerva e de Trajano, Severo Alexandre teria de o fazer de tal modo que não atentasse contra a memória destes imperadores; contudo, ao intervir aí, ele terá procurado capitalizar essa memória em proveito próprio e, assim, perpetuar a sua própria imagem em associação com os melhores dos príncipes. Por isso, não houve qualquer nova estátua triunfal no centro destes *fora*: o infeliz destino da estátua equestre de Domiciano servia de lição. Ao intervirem nos *fora* imperiais, Severo Alexandre e o seu *entourage* irão fazê-lo utilizando o modelo do melhor dos

imperadores, precisamente o fundador do Principado. Conjugavam-se assim, num único golpe, as duas heranças: a de Augusto e a dos dois primeiros Antoninos. Deste modo, Severo Alexandre vai moldar a sua intervenção nos *fora* imperiais sobre o modelo mais tradicional do *forum* de Augusto e, dentro deste modelo, sobre a parte mais susceptível de agradar simultaneamente ao senado e à plebe urbana: precisamente aquela que recuperava os *summi uiri* romanos. Ao fazê-lo, Severo Alexandre mostrava-se obviamente como um tradicionalista que homenageava os *maiores* do povo romano, onde os senadores, cujos sucessores o tinham acolhido com tanta pressa e vontade, representavam a larguíssima maioria. Ao mesmo tempo, apontava para o primeiro príncipe como referente da sua acção. Severo Alexandre era assim um novo Augusto, que se assumia como herdeiro dos *summi uiri* colocados no *forum* de Trajano e dos *diui imperatores* cujas estátuas colossais e feitos eram perpetuados no *forum* de Nerva. Como se toda a história de Roma apontasse, ainda que de forma menos evidente, para este jovem imperador.

#### **Agradecimento**

Agradeço aos organizadores o convite para participar neste projecto.

#### **Referências bibliográficas**

- AMICI, C.M. *Il Foro di Cesare*. Florence, 1991.
- AMICI, C.M. *Foro di Traiano: Basilica Ulpia e biblioteche*. Roma, 1982.
- ANDERSON, J.C. Domitian, the Argiletum and the Temple of Peace. *AJA*, 86, p.101-110, 1982.
- ANDERSON, J.C. Domitian's building program. Forum Iulium and markets of Trajan. *ArchN* 10.3, p.41-48, 1981.
- ANGIOLILLO, S. Una moneta di Alessandro Severo e *Hist. Aug., Sev. Alex.* XLIV, 7. *RendLinc.* 28, p.349-356, 1973.
- BARATTOLO, A. Il tempio di Venere e di Roma: un tempio "greco" nell'Urbe. *Mitteilungen des Deutschen Archæologischen Instituts. Römische Abteilung*, 85.2, p.397-410, 1978.
- BAUER, H. Il Foro Transitorio e il Tempio di Giano. *RendPontAcc.*, 49, p.117-150, 1976-77.
- BAUER, H.; MORSELLI, C. s.v. 'Forum Nervæ', *LTVR* 2, p.307-311.
- BENARIO, H.W. Rome of the Severi. *Latomus* 17, p.714-722, 1956.
- BERENGER, J. *Recherches sur l'aspect idéologique du Principat*. Basel: Verlag Friedrich Reinhardt ag Basel, 1953.
- BERTRAND-DAGENBACH, C. *Alexandre Sévère et l'Histoire Auguste*. Bruxelles, 1990.
- BIRLEY, A.R. *The Roman government of Britain*. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- BIRLEY, B. The broad stripe. Into the emperor's service. *Septimius Severus. The African emperor*, London, 1988rev., p.37-56.
- BRIILLIANT, R. s.v. Arcus: Septimius Severus (Forum). *LTVR* 1, Rome, p.103-105, 1993.
- BRIILLIANT, R. *The Arch of Septimius Severus in the Roman Forum*. Rome, 1967.
- CAMPBELL, B. The Severan dynasty. In: BOWMAN, A.K.; GARNSEY, P.; CAMERON, A. (eds.) *The Cambridge Ancient History*. Vol. 12 (The Crisis of Empire, A.D. 193-337), 2005, p.1-27.

*Retomar Augusto nos fora imperiais*

- CHASTAGNOL, A. *Latus clavus et Adlectio* – l'accès des hommes nouveaux au sénat romain sous le Haut-Empire, *RHD* 53, p.375–94, 1975.
- CHASTAGNOL, A. Le problème du domicile légale des sénateurs romains à l'époque impériale. In: *Mélanges offerts à Léopold Sédar Senghor*. Dakar, p.43–54, 1977.
- CHASTAGNOL, A. *Le Sénat romain à l'époque impériale*. Paris: 1992.
- CLARIDGE, A. *Rome. An Archaeological Guide*. Oxford: Oxford University Press, 1998, p.148-153.
- COARELLI, F. *Foro romano*. 2 vol., Roma, 1983-1985.
- COARELLI, F. La situazione edilizia di Roma sotto Severo Alexandro. In: *L'Urbs : espace urbain et histoire (Ier siècle av. J.-C.- IIIe siècle ap. J.-C.)*. Actes du colloque international (Rome, 8-12 mai 1985). Rome, 1987, p.429-456.
- COARELLI, F. *Roma*. Guide Archeologiche. 6<sup>a</sup> ed., Roma, 2008.
- COARELLI, F. s.v. Equus: Septimius Severus, *LTVR* 2, p.231-232.
- CORIAT, J.-P. Les hommes nouveaux à l'époque des Sévères. *RHD* 56, p.5–27, 1978.
- DANTI, A. *Il Tempio di Venere e Roma*. Rome, 2000.
- DE ANGELI, S. *Templum Divi Vespasiani*. Rome, De Luca, 1992.
- DESNIER, J.L. *Omina et realia*. La naissance de l'urbs sacra sévérienne. *MEFRA* 105.2, p.547-620, 1993.
- ECK, W. *Die Verwaltung des Römischen Reiches in der hohen Kaiserzeit*. Ausgewählte und erweiterte Beiträge, 2 vols., Basel, 1995, 1997.
- ECK, W. Emperor, senate and magistrates. *CAH* 11, p. 214-237, 2000.
- ÉTIENNE, R. *Le culte imperiale dans la péninsule ibérique d'Auguste à Diocletien*. Paris, 1958.
- FEARS, J.R. 'Princeps a diis electus': The Divine Election of the Emperor as a Political Concept at Rome. Rome, 1977.
- FISHWICK, D. The Imperial Cult in the Latin West. Vol. II.2, Leiden, 1987, p.423-435.
- FURTADO, R. A que passado regressar? Reconfigurar e renomear o urbanismo em Roma na época de Severo Alexandre: o caso do Palatino. In: F. OLIVEIRA, F.; TEIXEIRA, C.; DIAS, P. B. (eds.) *Espaços e paisagens. Antiguidade clássica e heranças contemporâneas*. Vol. 3. *História, arqueologia e arte*. Coimbra, 2010, p.135-145.
- FURTADO, R. Em torno do principado de Severo Alexandre. *Cadmo* 18, p.193-215, 2008.
- GIULIANI, A. Gli aspetti giuridici del principato. *ANRW* 2.13, p.3–60, 1980.
- GIULIANI, C.F. e VERDUCHI, P. *Foro romano*. Roma, 1987.
- GIULIANI, C.F. s.v. 'Forum Romanum (the imperial period)', *LTVR* 2, London, 1995, p.336-345.
- GIULIANI, C.F. s.v. 'Equus: Domitianus', *LTVR* 2, 1995, p.228-229.
- KIENAST, D. Alexander und Augustus. *Gymnasium* 76, p.430-56, 1969.
- LEUNISSEN, P.M.M. *Homines novi* und Ergänzungen des Senats in der Hohen Kaiserzeit: Zur Frage nach der Repräsentativität unserer Dokumentation. In: ECK, W. (ed.), *Prosopographie und Sozialgeschichte*. Köln, 1993, p.81–101.
- LUGLI, G. *I monumenti antichi di Roma e suburbio*. Vol. 2, Roma, 1934.
- LUGLI, G. *Roma antica: il centro monumentale*. Roma, 1946.
- MARTINO, F. De. *Storia della costituzione romana*. Vol. 4, Napoli, 1974.

- MENEHINI, R. I fori Imperiali: ipotesi ricostruttive ed evidenza archeologica. In: HASELBERGER, L.; HUMPHREY, J. *Imaging Ancient Rome : Documentation-Visualization-Imagination*. Portsmouth, 2006, p.145-161.
- MENEHINI, R. *Il Foro di Nerva*, Rome, Fratelli Palombi, 1991.
- MENEHINI, R. Il Foro di Traiano. Ricostruzione architettonica e analisi strutturale. *RM* 108, p.245-256, 2001.
- MICHEL, D. *Alexander als Vorbild fur Pompeius, Caesar und Marcus Antonius*, Brussels, 1967.
- MILLAR, F. The Emperor, the Senate and the Provinces. *JRS* 56, p.156–66, 1966.
- MILLAR, F. *The Roman Republic in Political Thought*. New England, 2002.
- PACKER, J. s.v. 'Forum Traiani', *LTVR* 2, p.348-356.
- PACKER, J.E. Templum Divi Traiani parthici et Plotinae: a debate with R. Meneghini. *JRA* 16, p.109-136, 2003.
- PACKER, J.E. *The Forum of Trajan in Rome: a study of the monuments*. 3 vol., Berkeley, 1997.
- PEACHIN, M. Rome the Superpower: 96-235 CE, *A companion to the Roman Empire*. Ed. D. Potter, Oxford: Blackwell Publ., p.149-151, 2006.
- PLATNER, S.B. ; ASHBY, T. *A Topographical Dictionary of Ancient Rome*, London, 1929, p.13-14.
- PURCELL, N. s.v. 'Forum Romanum (the republican period)', *LTVR* 2, London, 1995, p.325-336.
- RAMSAY, H.G. A third century a.C. building program, *AC* 4, 1935, p.419-447; *AC* 5, 1936, p.147-176,
- RICHARDSON JR., L. *A new topographical dictionary of Ancient Rome*, Baltimore, London, John Hopkins University Press, 1992, p.170-174.
- RODRÍGUEZ ALMEIDA, E. *Forma Urbis Marmorea. Aggiornamento Generale 1980*, Roma, 1981.
- SERRAO, F. Il modello di costituzione: Forme giuridiche, caratteri politici, modelli economico-sociali, *Storia di Roma*, 2.2. Roma: Ed. A. Schiavone, p.29–71, 1991.
- SIDEBOTTOM, H. Severan historiography: evidence, patterns, and arguments. SWAIN, S.; HARRISON, S.; ELSNER, J. (eds.), *Severan culture*. Ed. Oxford, 2007, p.52-82.
- TALBERT, R.J.A. *The Senate of Imperial Rome*, Princeton, 1984.
- TEDESCHI GRISANTI, G. 'Il Nynfeum Alexandri sulle monete di Alessandro severo del 226', *RendPontAcc.* 50, p.171-177, 1977-1978.
- THOMAS, E. Metaphor and identity in Severan architecture: the Septizodium at Rome between «reality» and «fantasy». In: SWAIN, S.; HARRISON, S.; ELSNER, J. (eds.), *Severan culture*. Ed. Oxford, 2007, p.327-367.
- VERDUCHI, P. 's.v. Rostra Augusti', *LTVR* 4, Rome, p.214-217, 1999.
- VOISIN, J.L. Le règne des Africains et des Syriens, In: LE GLAY, M. ; VOISIN, J.L. ; LE BOHEC, Y. *Histoire romaine*. Ed. Paris, 1991, p.387-390.
- WALLACE-HADRILL, A. *Ciullis princeps: between citizen and king*, *JRS* 72, 1982, p.32-48.
- WHITTAKER, C.R. *Herodian, 2 volumes*, London, Cambridge, Massachusetts: Willian Heinemann, Harvard University Press (*Loeb Classical Library*), 1970.
- ZANKER, P. Das Trajansforum in Rom, *AA* 85, p.499-544, 1970.
- ZANKER, P. *Forum Augustum, das Bildprogramm*, Tübingen, 1968.

## Retomar Augusto nos fora imperiais

ZANKER, P. *The power of images in the time of Augustus*, Ann Arbor, 1988.

---

### Notas

<sup>1</sup> Sobre as utilizações da ‘República’ como tópico ideológico em períodos posteriores ao século I a.C., Millar (2002) publicou uma indispensável análise. São do mesmo autor estudos que mostram bem a centralidade que o senado e o *ordo senatorius* manteve durante todo o principado: veja-se, MILLAR, 1966. Veja-se também TALBERT, 2000, p.214-237.

<sup>2</sup> A melhor análise global é ZANKER, 1988.

<sup>3</sup> Para uma síntese, além dos títulos citados na nota 2, consultem-se ainda MARTINO, 1974; GUARINO, 1980; SERRAO, 1991.

<sup>4</sup> Cf. a síntese de PEACHIN, 2006. Veja-se também WALLACE-HADRILL, 1982, p.32-48; BÉRENGER, 1953.

<sup>5</sup> Uma das melhores sínteses sobre o principado de Severo Alexandre é BERTRAND-DAGENBACH, 1990.

<sup>6</sup> A *Historia Augusta* assegura que a responsabilidade pela escolha de Severo Alexandre se deveu exclusivamente ao senado (*Hist.Aug. Alex.* 1.3, 1.6-2.1. Cf. também Eutr. *Brev.* 8.23).

<sup>7</sup> Opinião diferente de Voisin, 1991, que caracteriza o período dos Severos como uma ‘monarquia anti-senatorial’.

<sup>8</sup> Vejam-se, além dos títulos citados na nota anterior, CHASTAGNOL, 1975; CORIAT, 1978. E sobretudo LEUNISSEN, 1993.

<sup>9</sup> O melhor estudo sobre a juventude de Septímio Severo continua a ser BIRLEY, 1988rev. Sobre a carreira imperial durante o principado, veja-se o indispensável TALBERT, 1992, esp. p.23–199; ECK, 1995, 1997. Uma boa síntese encontra-se em BIRLEY, 2005.

<sup>10</sup> Além disso, e porque era suposto que os senadores, desde que não estivessem a desempenhar qualquer função administrativa ou militar, residissem em Roma, já Trajano tinha obrigado a que todos os candidatos à cúria investissem um terço das suas fortunas na Itália, atenuado depois para um quarto por M. Aurélio (Plin. *Ep.* 6.19. *Hist.Aug. Aur.* 11.8). Cf. CHASTAGNOL, 1977.

<sup>11</sup> Veja-se o já antigo ÉTIENNE, 1958, p.511; FEARS, 1977; e, mais recente, FISHWICK, 1987, p.423-435.

<sup>12</sup> Será suficiente, por todos, THOMAS, 2007.

<sup>13</sup> Zonaras (Zonar.12.15), provavelmente utilizando um excerto perdido do texto de Díon Cássio (que, ao contrário de Herodiano, era senador), assegura que os conselheiros do príncipe tinham sido escolhidos pela omnipresente Júlia Mameia, mãe de Severo Alexandre.

<sup>14</sup> Ἐλαγάβαλος é o nome da divindade síria de quem este Imperador era devoto. Nenhuma das fontes contemporâneas refere o Príncipe com este nome e não há notícia de que ele o tenha assumido. Foi a tradição que impôs ao Imperador o mesmo nome da divindade. Em latim, a *Vita Heliogabali* da *Historia Augusta*, refere-o como *Heliogabalus*, óbvia corruptela daquele primeiro nome, resultante do carácter solar da divindade síria. Uma vez que divindade e Imperador têm tradicionalmente o mesmo nome, tenho optado nos meus estudos por utilizar em português sempre Elagábalo para referir o deus e Heliogábalo, o príncipe.

<sup>15</sup> Herodiano (Herod. 5.7.1-2) refere que esta adopção tinha sido induzida por Júlia Mesa, a avó de ambos. Cf. também Dio Cass 79.17.2-3. De acordo com uma das leituras do *Feriale Duranum*, a nomeação de Severo Alexandre como César aconteceu em 26 de Junho de 221. Contudo, a *Historia Augusta* refere que o senado lhe conferira o título de César depois da morte de Macrino (Hist.Aug. *Elag.* 5.1; *Alex.* 1.2). Eutr. *Brev.* 8.23 faz crer que a aclamação de Severo Alexandre como César teria sido obra do exército. Cf. HAMMOND, 1959, p.13-14; WHITTAKER, 1970, p.58-59, n.1.

<sup>16</sup> Cf. *CIL* 6.3069 onde Heliogábalo e Severo Alexandre surgem como *imperatores* a 1 de Junho de 221 (WHITTAKER, 1970, p.58-59, n. 1, julga tratar-se de um erro). *AE*, 1964, p.269 e *CIL* 16.140, 141 referem também Severo Alexandre como *imperator* ainda antes da morte de Heliogábalo.

<sup>17</sup> WHITTAKER, 1970, p.62, n.2, defende que Alexandre foi considerado *consors imperii*, com um *imperium minus*. Cf. *CIL* 6.2001.

<sup>18</sup> Esta lista completa as informações de Ramsay (1935, p.419-447; 1936, p.147-176), Benario (1956, p.720-722), de Coarelli (1987, p.429-456).

<sup>19</sup> Contra esta identificação, TEDESCHI GRISANTI, 1977-1978, p.171-177.

<sup>20</sup> Cf. análise e bibliografia em FURTADO, 2010.

<sup>21</sup> PLATNER, ASHBY, s.v. 'Forum Romanum s. Magnum', 1929, p.230-237. RICHARDSON JR., s.v. 'Forum (Romanum or Magnum)', 1992, p.170-174; PURCELL, s.v. 'Forum Romanum (the republican period)', 1995, p.325-336; GIULIANI, s.v. 'Forum Romanum (the imperial period)', 1995, p.336-345; e, claro, COARELLI, *Foro romano*, 1983-1985; GIULIANI e VERDUCHI, *Foro romano*, 1987.

<sup>22</sup> PLATNER, ASHBY, s.v. 'Forum Iulium', 1929, p.225-227; RICHARDSON JR., s.v. 'Forum (Romanum or Magnum)', 1992, p.165-167; ZANKER, 1988, p.24; AMICI, 1991; CLARIDGE, 1998, p.148-153; MENEGHINI, 2006, p.145-161.

<sup>23</sup> PLATNER, ASHBY, s.v. 'Forum Augustum or Augusti', 1929, p.220-223; ZANKER, 1968; RICHARDSON JR., s.v. 'Forum Augustum or Augusti', 1992, p.160-162; CLARIDGE, 1998, p.158-161; MENEGHINI, 2006.

<sup>24</sup> PLATNER, ASHBY, s.v. 'Pax, Templum', p.386-388; RICHARDSON JR., s.v. 'Pax, Templum', 1992, p.286-287; ANDERSON, 1982, p.101-110; CLARIDGE, 1998, p.153-156; MENEGHINI, 2006.

<sup>25</sup> PLATNER, ASHBY, s.v. 'Arcus Titi', 1929, p.556.

<sup>26</sup> PLATNER, ASHBY, s.v. 'Divus Vespasianus, templum', 1929, p.556; DE ANGELI, *Templum Divi Vespasiani*, 1992. Vejam-se também ANDERSON, 1981, p.41-48; e o já citado ANDERSON, 1982.

<sup>27</sup> PLATNER, ASHBY, s.v. 'Equus Domitiani', 1929, p.201-202; GIULIANI, s.v. 'Equus: Domitianus', 1995, p.228-229.

<sup>28</sup> PLATNER, ASHBY, s.v. 'Forum Nervae', p.227-229; BAUER, 1976-77, p.117-150; MENEGHINI, 1991; 2006; RICHARDSON JR., s.v. 'Forum Nervae', p.167-169; CLARIDGE, 1998, p.156-157; BAUER, MORSELLI, s.v. 'Forum Nervae', 1995, p.307-311.

<sup>29</sup> É possível que também este *forum* tenha sido começado por Domiciano (Aur.Vict. *Caes.* 13.5).

<sup>30</sup> No século VI, Cassiodoro ainda elogia o esplendor deste *forum* (Cassiod. *Var.* 7.6.1) e um século depois ainda se faziam recitações públicas na biblioteca (*LTVR* s.u. 'forum Traiani').

<sup>31</sup> PLATNER, ASHBY, s.v. 'Forum Traiani', 1929, p.237-245; ZANKER, 1970; AMICI, 1982; PACKER, 1997; MENEGHINI, 2001; PACKER, 2003; RICHARDSON JR., s.v. 'Forum Traiani', 1992, p.175-178; PACKER, s.v. 'Forum Traiani', 1995, p.348-356; CLARIDGE, 1998, p.161-169; MENEGHINI, 2006.

<sup>32</sup> PLATNER, ASHBY, s.v. 'Venus et Roma, templum', 1929, p.552-554. Veja-se também BARATTOLO, 1978, p.397-410; DANTI, 2000.

<sup>33</sup> PLATNER, ASHBY, s.v. 'Antoninus et Faustina, templum', 1929, p.13-14.

<sup>34</sup> Veja-se sobretudo DESNIER, 1993. Cf., sobre este caso concreto, BRILLIANT, 1967; s.v. 'Arcus: Septimius Severus (Forum)', 1993, p.103-105. Para uma lista das intervenções de Septímio Severo em Roma, veja-se BENARIO, 1956, p.714-718.

<sup>35</sup> PLATNER, ASHBY, s.v. 'Umbilicus Romae', 1929, p.544; BENARIO, 1956, p.715; VERDUCHI, 's.v. Rostra Augusti, 1999, p.214-217.

<sup>36</sup> COARELLI, s.v. 'Equus: Septimius Severus', 1925, p.231-232.

<sup>37</sup> Vejam-se estudos e bibliografia em <http://formaurbis.stanford.edu/>. Um excelente guia, embora já desatualizado, é RODRÍGUEZ ALMEIDA, 1981.